

GABRIEL E O FUTEBOL

Ilan Brenman

© Guilherme Karsten



Resenha

Gabriel jogava futebol por tudo quanto era canto. Virava e mexia, a bola entrava quicando no quarto de Clara, sua irmã mais velha, derrubando samambaias; acertava o cocuruto de seu pobre avô adormecido, esvoaçava sem direção pelo pátio da escola. A loja de meias era um reservatório em potencial de bolas de todas as estampas e cores; o cachorro podia virar goleiro, enquanto o gato preferia ficar quieto – olhando de soslaio, da sua almofada preferida. A bola do garoto era capaz de criar ondulações poderosas na piscina, transformar os jogos de acampamento – as faltas aconteciam até no carro do pai, que ficava exaltado como um juiz. Sua avó era a principal cúmplice das embaixadinhas que quicavam soltas na cozinha – e não havia dia em que Gabriel dormisse sem se transfigurar em sonhos em capitão da seleção.

Em *Gabriel e o futebol*, Ilan Brenman e Guilherme Karsten, em uma fértil parceria, criam um livro que brinca com o jogo entre texto e imagem: enquanto o texto descreve a paixão de um garoto por futebol, as ilustrações retratam situações inusitadas e bem-humoradas em que as jogadas do garoto interferem no cotidiano, criando momentos de humor envolvendo os outros membros da família. Alguns personagens silenciosos, porém expressivos, presentes nas ilustrações contribuem para criar o universo lúdico do livro – como o coelho laranja de Gabriel, que está presente como observador ativo em todas as cenas.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai

Os autores desse livro já são bem conhecidos aqui em casa. Ilan Brenman e Guilherme Karsten já foram lidos e relidos por aqui em outras ocasiões.

Então, quando meu filho Miguel começou a ler sozinho *Gabriel e o futebol*, a primeira coisa que chamou sua atenção foram os nomes do autor e do ilustrador.

Helena (a pequena, que ainda não lê) pediu que ele lesse para ela. Iniciou a leitura em voz alta. Quando eu, sentado ao lado dos dois, na quarta ou quinta página ressaltai que era um livro com rimas meu filho foi enfático: “Claro, pai! Você só viu agora?”.

A leitura foi rápida e só interrompida para perguntar-me o que significavam “calvo” e “Confúcio”. Na última página, paramos. Miguel foi voltando cada uma das páginas e reconhecendo a família de Gabriel. “Essa é a Clara”, na página do jogo oficial, e na mesma página, “esse, o pai”. “O cachorro se chama Dandão e o gato se chama Lúcio.”

Esse jogo simples de identificações e reconhecimento mostrou-se revelador de uma das maiores habilidades de Brenman em sua escrita: a relação intrínseca entre a narrativa e as imagens. O trabalho de Karsten salta aos olhos, criando micronarrativas dentro da narrativa maior, que é simples e direta.

A pesquisa sobre cada página se tornou mais e mais aguçada e meus filhos passaram a criar histórias sobre cada um dos detalhes das ilustrações. Supor relações, inventar anedotas, até o limite de tentar rimar novas situações em que Gabriel poderia se colocar jogando futebol.

Sempre brincamos de rimar aqui em casa. Helena está fascinada por esse jogo mesmo ainda não entendendo exatamente o que é uma rima. Foi então que diversos outros livros de rimas que lemos vieram à tona e foram relidos: *Não confunda*, de Eva Furnari, *Saladinha de queixas*, de Tatiana Belinky, *Canções, parlendas, quadrinhas*, para crianças novinhas, de Ruth Rocha.

Creio que esse seja mesmo o funcionamento ideal de um livro: fazer referências e alusões ao



mundo real e a outros livros, estimular a leitura como forma de descobrir possibilidades no mundo.

Brenman é um ás no que se refere ao estímulo para que as crianças ativem suas ferramentas de curiosidade e inventividade. É um deleite ver as crianças entenderem na prática (sem postulados ou orientações mais quadradas) o que é pesquisar e qual é a mágica que acontece quando nossas mentes e corpo podem se dedicar a estudar pelo simples prazer humano de descobrir cada vez mais e mais. Num mundo onde vemos a olhos nus ataques à pesquisa, ao conhecimento humano, às artes e às ciências, esse estímulo é ação fundamental para lutarmos contra o obscurantismo e incentivarmos nossas crianças a cultivar o amor não só pela leitura, mas pela própria transformação do mundo.

Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.



Do mesmo autor

- ✦ *Clara e a Olimpíada*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A menina que amava futebol*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Fim de semana*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Um, dois, três, agora é sua vez!*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Moderna.

- ✦ *A decisão do campeonato*, de Ruth Rocha. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Armandinho, o juiz*, de Ruth Rocha. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Camarões x tartarugas – a grande copa do mar*, de Walcyr Carrasco. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Um gol de placa*, de Pedro Bandeira. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O futebol do Rei Leão*, de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ✦ *Maluquinho por futebol*, de Ziraldo. São Paulo: Melhoramentos.

